



## **ESPAÇO URBANO E DATAÇÃO EXPLÍCITA:**

### **Campos dos Goytacazes no tempo e no espaço**

**Miguel de Araujo Lopes**  
Instituto Federal Fluminense  
gcmiguelaraujo@gmail.com

**Luiz Claudio Gonçalves Gomes**  
Instituto Federal Fluminense  
**luizgg@iff.edu.br**

#### 1- INTRODUÇÃO

Desde a pré-história até os dias atuais o homem sempre desejou que contasse registro de sua passagem pelos lugares ou edificações onde habita. Por meio de expressões, signos, datas ou pinturas, recorda sucessos relevantes ou simplesmente evoca seu tempo, sua pessoa ou família. Segundo Arbizu (1996), por todos os lugares onde o homem passou é possível encontrar “pequenos tesouros escritos ou datas” que melhoram o conhecimento da história de nossos antepassados.

Essas características se encontram nos registros epigráficos de várias fachadas em prédios de Campos dos Goytacazes entre os séculos XIX e XX. Esses registros podem ser demonstrados apresentando nome de arquitetos, construtores engenheiros ou até mesmo a data na fachada do edifício no qual ele foi construído, produzindo todo aspecto de uma paisagem tipográfica urbana. O presente estudo foi direcionado apenas para as epígrafes de datação presentes nas fachadas campistas, visto que a cidade apresenta uma rica oferta desse tipo de inscrição.

Entende-se por epigrafia a ciência que estuda as descrições, junto com a numismática (estudo das moedas e das medalhas) e a paleografia (escritas antigas). São auxiliares da história e imprescindíveis em muitos casos. Esse tipo estudo pode compactuar e revelar informações preciosas a respeito da constituição do espaço urbano

e das relações de prestígio e poder envolvidas no processo estudado, em particular no caso que ora se apresenta.

A epigrafia insere-se na arquitetura e na paleografia, e inclui o estudo da datação, decifração e interpretação de tipos de materiais de maior resistência. O presente trabalho foca toda atenção às fachadas em que nelas ainda se mantém a inscrição do ano de seu “nascimento”, ou seja, a data em que aquela obra foi concluída.



Figura 1. Exemplo de epigrafia encontrada. Neste estuque vê-se a datação com uma particularidade: a letra “C” antecedendo e a letra “B” sucedendo ao ano indicado, “1913” (Rua 28 de Março, nº. 333). Indícios de autoria?

As paisagens tipográficas de cada região podem nos dizer muito a respeito de um povo, revela um pouco de seus hábitos e costumes. “Ao caminharmos por nossa cidade, percebemos que existe uma série de interferências tipográficas urbanas que convivem conosco no nosso dia a dia” (FINIZOLA e COUTINHO, 2009). Fachadas comerciais, placas indicativas de sinalização, publicidade dos muros e inscrições na própria fachada, entre outros.

Nas cidades, existe uma grande disputa pelos espaços de comunicação, pois elas estão submersas em letras e imagens variadas. Para Gouveia (et al, 2007), a definição de paisagem tipográfica é definida como aquela “formada por um conjunto de elementos gráficos presentes no ambiente urbano: os caracteres que formam palavras, datas, e outras mensagens compostas por letras e números”



Boa parte das informações visuais nas cidades é desenvolvida por profissionais que utilizam peças gráficas produzidas por processos de impressões avançados e com grandes tiragens. Em contrapartida, o restante dos artefatos é produzido por cidadãos comuns, sem muito estudo sobre técnicas, em geral, produzidas por processos manuais, e sua produção ocupa espaços públicos de modo aleatório.

A tipografia informal pode se manifestar em diversas formas dentro da paisagem tipografia de casa cidade, seja ela por inscrições, pichações, grafites, pinturas em muros e outros. Contudo, Coutinho observa que “paralelamente com a tipografia denominada canônica, com suas regras e implicações, há aquelas produzidas por indivíduos que se encontram a margem do sistema dominante” (2007, p. 4). Neste contexto, Dohmann (2007) vê na tipografia vernacular como surgindo do meio termo entre a necessidade de transmitir algo e a falta de um conhecimento próprio, construído a partir da pouca bagagem cultural do indivíduo que desconhece os postulados das técnicas acadêmicas e escolarizadas.

A paisagem tipográfica de uma cidade é composta pelo conjunto de letras e números que integram as mensagens presentes no espaço público. Nesta perspectiva, chegou-se ao interesse de realizar um estudo mais aprofundado na cidade de Campos dos Goytacazes, tendo como principal expectativa de trabalho possível identificação nos casos onde haja uma familiaridade e uma integração do elemento tipográfico com a arquitetura.

## 2 – OBJETIVOS

Buscando as referências culturais em comum entre os desenhos das letras e a linguagem arquitetônica, Gomes (2017) acredita que um trabalho desta natureza possa contribuir tanto para a memória, a identidade, o patrimônio da cidade, quanto para melhorar a compreensão do design de tipos e da arquitetura local.



Sendo assim, propõe-se um trabalho de recuperação cultural e histórico da cidade para que pesquisadores possam se congruar com esse particular mapeamento a ser realizado com as fachadas do final do século XIX e início do século XX, na cidade de Campos dos Goytacazes.

### 3 – METODOLOGIA

O processo de pesquisa foi iniciado por uma minuciosa pesquisa e estudos exploratórios para a realização de uma coleta de dados em campo. O recolhimento dos dados consistiu em duas etapas: a primeira foi realizado posteriormente aos estudos exploratórios, que fundamenta-se em uma análise virtual realizada pela ferramenta Google Maps®, com a finalidade de mapear, localizar e fotografar (*print screen*) as fachadas das edificações aos quais haviam presença de epígrafes tipográficas.

Em outro momento, após as imagens que foram captadas pelo Google Maps com baixa resolução, foi realizada uma pesquisa de campo para coletar uma mostra com mais qualidade nos locais onde haviam informações sobre a presença de inscrições tipográficas arquitetônicas para, através da percepção diária com maior densidade, chegar à definição de um recorte geográfico para estudo aprofundado (através de um mapa local usado como guia). “Este recorte é definido com ajuda de mapas e há um esforço para que seus limites sejam coerentes com a evolução da malha urbana, que coincidam com vias importantes” (FARIAS, 2015).

Nesse processo, foram percorridas aproximadamente 50 ruas do centro histórico de Campos dos Goytacazes para realização de uma pesquisa de localização e situação nas quais os prédios aonde haviam as inscrições tipográficas estavam localizados, dentre os quais 65 deles apresentam esse tipo de registro. Enquanto que a área de trabalho foi delimitada com o perímetro formado pela Rua dos Goytacazes, Av. 28 de Março, Av. José Alves de Azevedo, Av. Dr. Hélio Póvoa e Av. Nelson de Souza Oliveira (Beira-Rio) (Figura 2).

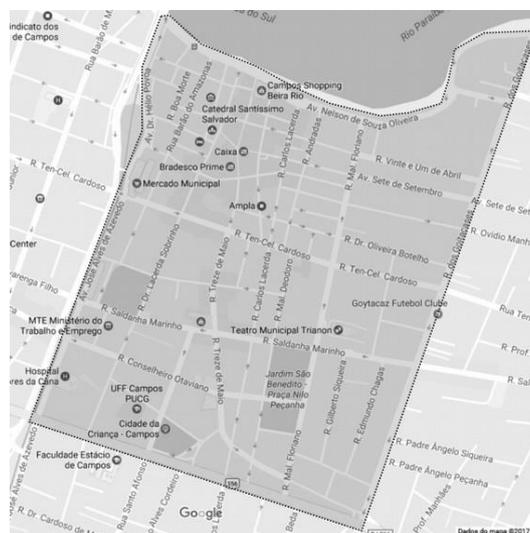


Figura 2. Delimitação espacial da pesquisa

Após toda a coleta de dados, das inscrições tipográficas presentes na paisagem campista, realizou-se uma análise cautelosa de todas as informações fornecidas nas etapas de pesquisa de localização. Efetuou-se o tratamento e a edição das imagens realizadas, juntamente com extração de algumas informações dessas imagens (configuração da tipografia, descrição das etapas fornecidas e transcrição dos caracteres das epígrafes), e a organização de dados coletados através de planilhas e mapas digitais. As informações coletadas durante a pesquisa, foram complementares com outras coletadas em levantamentos documentais ou bibliográficos.

Nesta fase, foram organizadas fichas que possibilitassem o levantamento de campo, bem como a catalogação digital dos dados. O estudo contou com uma adaptação das quatro fichas de Gouveia et al. (2007). As fichas adaptadas a partir do trabalho de Gouveia et al. (2007) contribuíram para que todas as fichas destinadas à pesquisa de campo fossem orientadas pela coleta de dados de uma maneira mais ampla do que o simples levantamento de estilos de caracteres. As quatro fichas foram resumidas em uma única, que contou com as seguintes informações: dados sobre a identidade do edifício; campo para o nome; localização; uso atual; referências da data de construção com especificação sobre o tipo da letra; composição e material utilizado.

Os mapas, as fichas e os posteriores acervos digitais, criados sempre que possível, são interligados para uma análise, comparação e interpretação dos dados. Ao longo dos procedimentos seguidos (observação, pesquisa, filtragem dos dados em fichas) buscou-se identificar tendências, similaridade e singularidades nos dados obtidos.

#### 4 – RESULTADOS PRELIMINARES

##### 4.1 – Caracterização dos dados levantados

As pesquisas realizadas e os dados levantados nesse estudo, refere-se a 65 edifícios contendo epígrafes tipográficas arquitetônicas localizadas no centro de Campos de Goytacazes (Figura 2).

Sobre os edifícios campistas, embora não tenha sido possível determinar com nitidez a data de construção de todos os imóveis, por conta de algumas inscrições estarem mal conservadas, estima-se que tenham sido construídos entre as décadas de 1890 e 1930. Contudo, a maioria das epígrafes encontradas são da década de 1910 e 1920.

Em Campos dos Goytacazes, a absoluta maioria das epígrafes arquitetônicas encontradas no período de interesse deste trabalho foram gravadas diretamente na alvenaria estrutural, com nenhum exemplo de inscrições em rocha ou metal. Foram também encontrados poucos exemplos de inscrições com acabamentos raros, tais como números com formas incomuns usadas na época, preenchimento com algum tipo de material diferente, algumas letras antes e depois dos números e epígrafes moldadas em argamassa.

##### 4.2 – Parâmetros de análise dos caracteres

Para a realização de uma pesquisa exploratória referente aos aspectos informacionais das epígrafes tipográficas arquitetônicas encontradas na cidade de



Campos Goytacazes, efetuou-se uma adaptação das quatro fichas de Gouveia et al. (2007). O trabalho de Gouveia et al. (2007) contribuiu para que as fichas destinadas a pesquisa fossem orientadas para coleta de dados de maneira mais ampla. Sobre o levantamento dos caracteres presentes nas fachadas dos edifícios, foram observadas diversos parâmetros referentes ao tamanho, localização das inscrições tipográficas nas fachadas dos edifícios, seus espectros tipográficos e se há alguma familiaridade com famílias tipográficas clássicas. Observou-se o tamanho das epígrafes nas fachadas dos edifícios, bem como a disposição das inscrições em relação à entrada principal do edifício (à direita, à esquerda, acima da porta, na platibanda ou no frontão).

As observações a respeito da configuração tipográfica das epígrafes arquitetônicas pesquisadas, foram levados em consideração os dados referentes aos números, as linhas de texto e alguns elementos de apoio casualmente adicionado nas inscrições. Em relação ao tipo de fonte, verificou-se sua estrutura e familiaridade com tipografias consagradas, e quantas formas, observou-se se havia presença ou não de serifas, estilo na construção do desenho, peso etc.

#### 4.3 – Resultados

A comparação dos dados coletados durante o processo de pesquisa permitiu verificar a existência de diversas semelhanças entre as epígrafes, mas também algumas diferenças, entre os aspectos informacionais das epígrafes arquitetônicas. As principais similaridade são, referente a posição, tamanho, dimensão e alinhamento do texto nas inscrições. As diferenças referem-se ao tipo de números mais utilizados e alguns aspectos referentes a arquitetura do imóvel.

As epígrafes arquitetônicas encontradas no centro de Campos Goytacazes, se caracterizam pela similaridade presente na localização dos edifícios. A maioria delas estão presentes no centro da entrada principal dos edifícios geralmente acima do ângulo de visão do pedestre, sobre a porta, em platibanda ou inserida em frontão. Uma grande familiaridade dos prédios pesquisadores, é que quase todos possuem ornamentos arquitetônicos (elementos decorativos) muitos deles com grau de complexidade maior e

outros menores. E absolutamente todas as epígrafes estão localizadas em meio a esses ornamentos. Também é possível notar uma semelhança nas dimensões médias das inscrições, que variam de 10 a 15 cm de altura e de 20 a 30 cm de largura, embora tenha sido excepcionalmente encontrada alguma epígrafe com dimensões maiores.

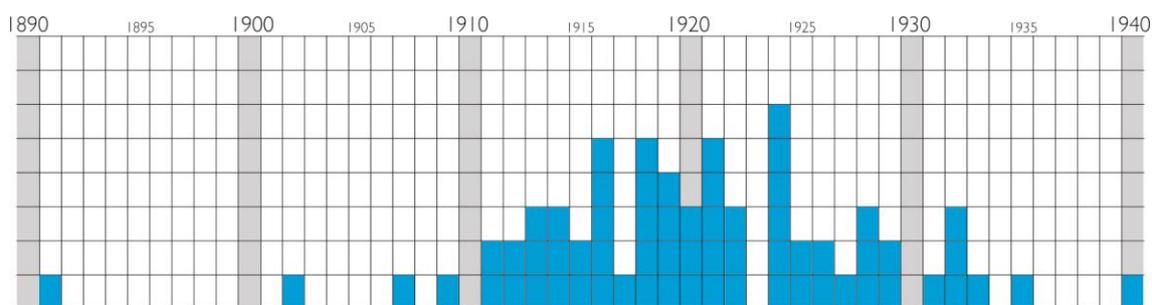


Gráfico 1. Frequência de epígrafe por ano.

Nenhum trabalho de epígrafe realizado por meio de incisão, baixo-relevo ou pintura foi encontrado nas construções do centro de Campos dos Goytacazes. Não foi encontrada nenhuma outra técnica que não seja a de relevo, que consiste em que as letras da datação sobressaiam do fundo. É um procedimento que exige certo trabalho uma vez que o artesão deverá retirar ou acrescentar massa à parede onde será operado o processo epigráfico (GOMES, 2017). A escrita realizada por meio desta técnica possui um risco maior de se desgastar, uma vez que fica mais exposta e o algarismo se sustenta por si só. Verificou-se ainda que os diferentes tipos foram realizados com habilidades e técnicas distintas, em virtude de um maior ou menor conhecimento sobre o trabalho. Alguns estuques bem resolvidos contrastam com tantos outros trabalhos mais rudimentares realizados sem muito esmero e de modo improvisado, valendo-se mais da habilidade manual de seu executor que de um conhecimento especializado.

Sobre aspectos tipográficos encontrados nas epígrafes campistas, pode-se notar uma certa familiaridade com o tipo de caractere inserido nos frontões e nas fachadas dos edifícios (Fig. 3), no entanto, não houve variação de formas na quantidade de linhas das

epígrafes. No que diz respeito aos elementos de apoio dos números, boa parte das epígrafes pesquisadores estão cercadas por uma certa estrutura arquitetônica que compõem toda harmonia do imóvel e destaca de certa forma o número da data de construção. Sobre o alinhamento das epígrafes, boa parte delas segue o padrão horizontal e outras inclinadas, que por sua vez apresentam números irregulares tanto na proporção, quanto no tamanho dos caracteres. Já em outros imóveis, é possível encontrar epígrafes com formas nos alinhamentos mais geométricos, caracteres com tamanhos iguais e mais harmônicos visualmente. O ecletismo arquitetônico é a tônica e isso reflete nas diferentes cartelas onde estão inseridas as datas em espaços decorativos, quase sempre de herança renascentista.

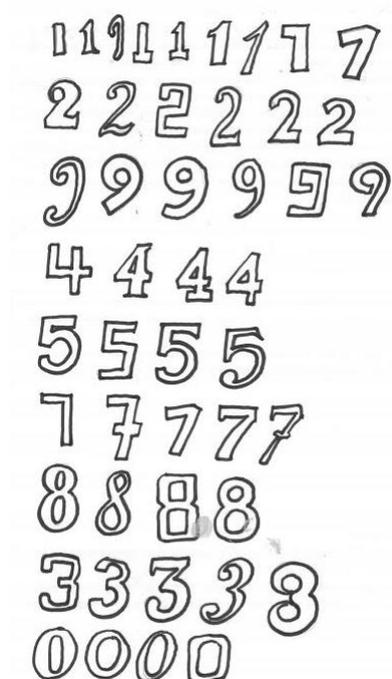


Figura 3. Anatomias tipográficas encontradas entre os algarismos.

Uma particularidade encontrada ocorre entre os algarismos 1 e 7. Por vezes, ambos são desenhados com uma forma de leitura ambígua, não ficando claro, a princípio, se tratar de um ou do outro número. Apenas é possível deduzir já que quando o algarismo aparece primeiro (correspondente a milhar, à esquerda) necessariamente

significa o número do milênio (1). Não sendo possível a existência dessas casas construídas no século XII, e muito improvavelmente no século XVIII (exceção feita às igrejas), fica excluída a possibilidade de o segundo algarismo (da centena) receber qualquer dos dois números. Comparar o caractere de desenho duvidoso (1 ou 7?) com o primeiro da esquerda (1) foi sempre útil para estabelecer similaridade ou diferença e deduzir sobre qual número ali estava sendo retratado (1 ou 7). De qualquer forma, foram muito poucos os casos de dúvida.

Outro aspecto avaliado ao longo da pesquisa, foi a realização da classificação das epígrafes tipográficas campistas, na qual consistia em detectar diferentes estilos dentro da frequência da tipografia. Os estilos tipográficos avaliados foram: sem serifa, romana, serifa quadrada, Cursiva, fantasia e algarismos romanos. Ao avaliar o gráfico seguinte (Gráfico 2), pode-se notar uma predominância do estilo tipográfico sem serifa, representado com quase 50% em comparação aos outros cinco estilos pesquisados. Posteriormente, vem o estilo fantasia, seguido da serifa quadrada, cursiva e por último algarismos romanos.

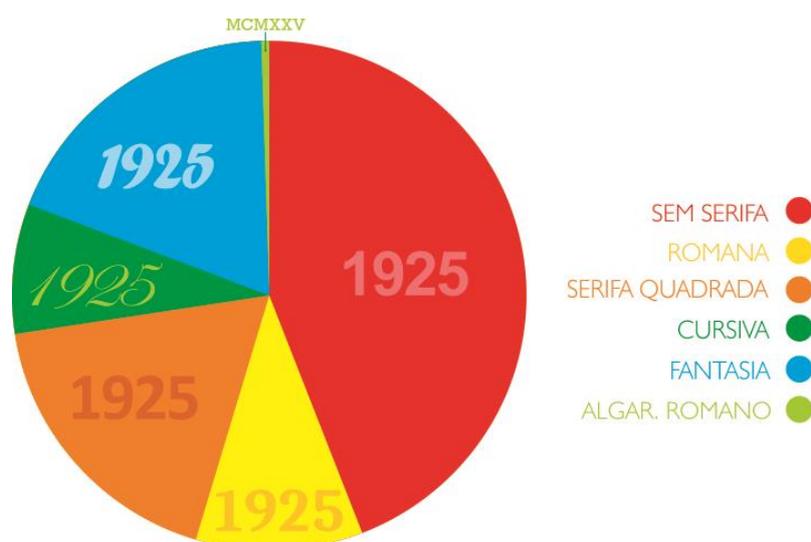


Gráfico 2. Frequência da tipologia.

Em relação a frequência da tipografia por ano, pode-se notar que a pioneira foi a fantasia, que se caracteriza por um estilo mais solto e menos formal, acompanhada da romana que era forte referência tipográfica na época. O estilo que mais se destaca é o sem serifa que tem a frequência representativa numérica mais alta em 1920, seguida da romana e serifa quadrada (Gráfico 3).

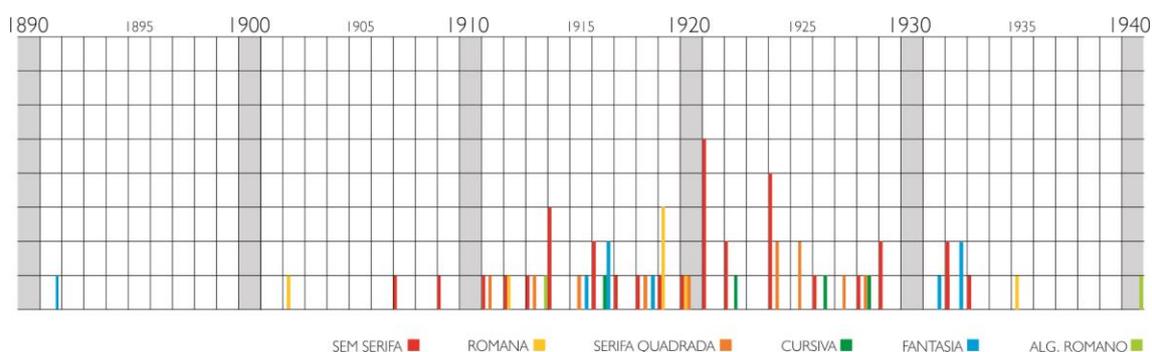


Gráfico 3. Frequência da tipologia por ano.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se, com essa pesquisa pioneira, contribuir para o estudo do fenômeno etnológico que pouca atenção tem recebido como no caso das inscrições populares, mais concretamente no que se refere ao conhecimento dos aspectos da cultura popular de uma região tão rica em manifestações desta índole como é o caso da eclética arquitetura da cidade de Campos dos Goytacazes.

A cidade dos campos não apenas se destaca por sua profusão de construção eclética – sobretudo na região central – como também é uma exposição a céu aberto de um enorme acervo epigráfico que se estende ao longo de toda sua planície; do centro histórico a mais longínqua região rural. Não por coincidência, a relação entre epígrafe de datação na cidade e o Ecletismo mantiveram estreita relação, ainda que, em alguns casos, possa haver uma mútua exclusão.



## 6 – REFERÊNCIAS

- ARBIZU, Nicolás. Estudio epigráfico de Iturmendi. **Cuadernos de etnología y etnografía de Navarra**, v. 28, n. 68, 1996, p. 253-266.
- COUTINHO, A. L. Análise tipográfica de letreiros do bairro de Casa Amarela. **Anais do 3º Congresso Internacional de Design da Informação – 2º InfoDesign Brasil**, 2007.
- DOHMANN, M. V. Pintores de letras brasileiros. **Cadernos de Tipografia**, n.3. Lisboa, 2007. Disponível em: <<http://www.tipografos.net/cadernos>>. Acesso em: 14 dez. 2016. p 37-40.
- FARIAS, Priscila. Epígrafes arquitetônicas paulistanas e londrinas: uma comparação sob a perspectiva do design da informação. **Infodesign – Revista Brasileira de Design da Informação**. São Paulo, v. 12 , n. 2 , 2015, p. 222-238.
- FINIZOLA, Fátima e COUTINHO, Solange. Em busca de uma classificação para os letreiramentos populares. **InfoDesign Revista Brasileira de Design da Informação**. 6, 2, 2009, 16-29
- GOMES, Luiz Claudio Gonçalves. **Registro de nascimento: data nas fachadas de Campos dos Goytacazes entre os séculos XIX e XX.** Relatório de pesquisa – Núcleo de Pesquisa em Artes, Design e Comunicação. Campos dos Goytacazes: Instituto Federal Fluminense, 2017.
- GOUVEIA, Anna Paula, PEREIRA, André Luiz, FARIAS, Priscila e BARREIROS, Gabriela. Paisagens tipográficas – lendo as letras nas cidades. **InfoDesign Revista Brasileira de Design da Informação**. 4 – 1, 2007, p. 1-11.